

# Viagem sem Retorno

No seu comentário do dia 3 (*A palavra do presidente*) Fernando Henrique Cardoso disse com todas as letras que estamos no "ano da educação". Isto equivale a dizer que o Brasil está em pleno mar, numa viagem sem retorno, depois de admitir que o barco antigo do ensino fez água por todos os lados e precisa sofrer reforma que não se limite a tapar buracos.

Em breve, 42 milhões de alunos voltarão às 350 mil escolas públicas brasileiras e já encontrão algumas modificações. A maior parte delas ainda passará pelo Congresso, onde há dois anos tramita a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Foi aprovada pela Câmara e está na ordem do dia no Senado.

Na verdade, trata-se do mais revolucionário conjunto de medidas no ensino desde a reforma de 1971, quando o Ministério da Educação extinguiu o exame de admissão, transformou o curso ginásial em ensino obrigatório de primeiro grau e substituiu o clássico e o científico pelo atual segundo grau.

Das mudanças já anunciadas, sem dúvida a que mais causou reações foi a avaliação das escolas nos três níveis de ensino, para estimar o desempenho das instituições. A idéia é beneficiar com mais recurso quem tiver desempenho melhor. Educador no Brasil, no entanto, detesta ser avaliado, mas não há quem possa negar que a avaliação é fundamental para que o próprio mercado tenha uma visão do que realmente é bom. Sob este aspecto, o vestibular unificado — esta instituição tipicamente brasileira que cresceu como erva daninha — está com os dias contados, cedendo lugar à idéia de que cada instituição elabore seus próprios critérios de ingresso.

A última das mudanças propostas pelo ministro Paulo Renato é que o 2º grau considere o mundo da produção como seu eixo e se volte para o mercado de trabalho, sem tornar obrigatória a profissionalização. Outras mudanças são quase tão óbvias, no mundo moderno dependente de tecnologia e, portanto, de educação, que não se entende como já não tinham sido adotadas. Colocação de televisores e antenas parabólicas nas escolas, transferência das escolas técnicas para as redes estaduais de ensino, verbas indo diretamente para a escolas (sem passar pelas prefeituras), aumento da carga horária dos professores, reforma do ensino técnico. Como disse o presidente, na sua fala radiofônica: "É importante cuidar da saúde e do emprego, mas é educando mais e melhor nosso povo que colocaremos o Brasil entre os países mais desenvolvidos e mais justos do mundo."

Em 1990 e em 1993 fizeram-se dois exames nacionais de avaliação de escolas de primeiro grau. Elas mostraram que o ensino público brasileiro é mediocre em qualquer estado, no Piauí como em São Paulo. Segundo a pesquisa, de cada grupo de mil alunos matriculados nas escolas públicas, apenas um consegue aprender o conteúdo mínimo exigido. É assustadora esta conclusão. Mas a evasão escolar e a repetência estão aí para atestar a falta de qualidade do ensino brasileiro básico. Este é o Brasil de hoje, que precisa ser mudado, com 18% da população acima de 15 anos analfabetos, 4 milhões de crianças fora da escola, e onde um estudante leva em média 12 anos para completar os oito anos do 1º grau. Diz o ministro Paulo Renato: "O aluno precisa estar consciente de que tem de estudar mais, o professor que precisa se aperfeiçoar, o comerciante que pode doar uma televisão à escola de sua comunidade, o empresário que pode adotar uma ou mais escolas."

Disse também o ministro: "O MEC tem sido o ministério das universidades federais, e não o ministério da educação." A mudança, portanto, tem de ser de eixo, e não derramamento de dinheiro a esmo. O Brasil já investe 3,7% do seu PIB em educação, a mesma coisa que Itália e Chile, e mais do que a Coréia do Sul (3,6%) e Espanha (3,2%), todos eles com melhores resultados.

O que ocorre no Brasil é que os alunos, de todas as idades e em todos os níveis, estão desmotivados. E se no 1º grau em cada dois alunos um repete o ano, o problema não é do aluno, e sim da escola. Chega de desviar recursos do ensino fundamental para as universidades. Chega de humilhar os jovens com exames vestibulares destinados a testar tudo, menos sua capacidade. Chega de lançar no ralo verbas monumentais.

Transformar a escola é uma revolução maior do que se imagina, mas deve-se tentar. O mundo mudou. Antigamente não existiam tantos alunos na periferia, por isto é necessário aproximá-los das escolas sem bombardear a qualidade do ensino. Não adianta expandir as vagas para dar espaço a todos os jovens de 15 a 19 anos porque se ampliará à toa a rede escolar, já que o 1º grau não está formando gente para ocupar essas vagas. Nem o 2º grau, pela mesma lógica, tem capacidade de formar gente para entrar nas universidades.

O mundo ficou complexo. O professor se intimida por não dar conta das complexidades. Os alunos colocam em dúvida a necessidade de aprender determinados assuntos. Chega de desencontros.